

Desempenho das indústrias brasileira e gaúcha em 2014*

Vanessa Neumann Sulzbach**

Sérgio Leusin Júnior***

Economista, Mestre em Economia pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EESP-FGV), Pesquisadora da Fundação de Economia e Estatística (FEE) Economista, Doutor em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pesquisador da FEE

Resumo

O presente artigo analisa a evolução da atividade produtiva industrial, em 2014, no Brasil e no Rio Grande do Sul, a partir dos dados da Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF), calculados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O texto procura lançar luz sobre os fatores determinantes para o fraco desempenho da indústria naquele ano. Além das questões estruturais já amplamente conhecidas, pesaram, em 2014, uma série de fatores conjunturais. O que se observa é que a queda foi generalizada entre os segmentos da indústria de transformação tanto no Brasil como no Rio Grande do Sul. Este último, por ter registrado um crescimento expressivo no ano anterior e por apresentar uma relação comercial mais estreita com a Argentina, apresentou queda marginalmente superior, explicada, sobretudo, pelo segmento de veículos automotores.

Palavras-chave: indústria brasileira; indústria gaúcha; competitividade.

Abstract

This paper analyzes the evolution of the industrial productive activity in Brazil and in the State of Rio Grande do Sul in 2014, based on data from the Monthly Industrial Survey on Physical Production (PIM-PF), calculated by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The article aims to shed light on the determinants of the weak performance of the industry in that year. Besides the widely known structural issues, a number of conjunctural factors were relevant for the industry results in 2014. The results show that the downfall was widespread among the segments of the manufacturing industry in Brazil and in Rio Grande do Sul. The latter, for having shown an expressive growth in the previous year and for having a closer commercial relationship with Argentina, displayed a slightly worse downfall, explained mainly by the motor vehicles industry.

* Artigo recebido em 05 fev. 2015.
Revisora de Língua Portuguesa: Elen Jane Medeiros Azambuja.

** E-mail: vanessa@fee.tche.br

*** E-mail: sergio@fee.tche.br

Keywords: *brasilian industry; Rio Grande do Sul's industry; competitiveness.*

Introdução

Os indicadores calculados para avaliar o desempenho das indústrias brasileira e gaúcha revelaram uma retração da atividade produtiva em 2014, no acumulado até novembro, fazendo com que os níveis de produção retornassem a patamares próximos dos registrados no período pré crise de 2008. O padrão de crescimento apresentado pela indústria de transformação, desde então, oscila entre períodos de expansão seguidos quase que imediatamente por momentos de queda, sem que tenha sido registrado um crescimento sustentado ao longo dos últimos anos.

Um dos fatores que explicam esse comportamento é a baixa competitividade do setor, a qual reside tanto nos aumentos recentes dos custos de produção quanto nas condições estruturais internas e externas às empresas, que não vêm sendo devidamente equacionadas. Dentre elas, destacam-se a alta carga tributária, as deficiências crescentes no que tange à infraestrutura, a falta de mão de obra qualificada, os investimentos insuficientes, a baixa produtividade, a concorrência com importados em período de câmbio apreciado, o excesso de burocracia, a insegurança institucional, entre outros.

Em 2014, o quadro econômico se mostrou bastante complexo, combinando inflação elevada (6,4%, próxima da banda superior da meta) e estagnação da atividade econômica (nos primeiros três trimestres do ano, o Produto Interno Bruto (PIB) variou 0,2%). Além disso, a deterioração das contas públicas — o Governo deixou de gerar superávit primário — e a elevação do déficit externo contribuíram para que o ambiente de incertezas se propagasse, com efeitos sobre os investimentos e a produção industrial.

À luz das dificuldades enfrentadas pelo setor, o presente artigo objetiva analisar as razões que fizeram com que a produção industrial apresentasse queda de 4,2% no Brasil e de 4,8% no Rio Grande do Sul, no acumulado entre janeiro e novembro (IBGE, 2014). Tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, a queda registrada na produção industrial em 2014 se mostrou generalizada entre os diversos segmentos, com destaque para as atividades de veículos automotores, metalurgia e máquinas e equipamentos.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, são examinados os índices de produção física da indústria brasileira, desagregados entre as categorias de uso e seus principais setores. Na segunda seção, são analisados os segmentos industriais do Rio Grande do Sul e, na terceira, são realizadas as **Considerações finais**.

O desempenho da indústria brasileira em 2014

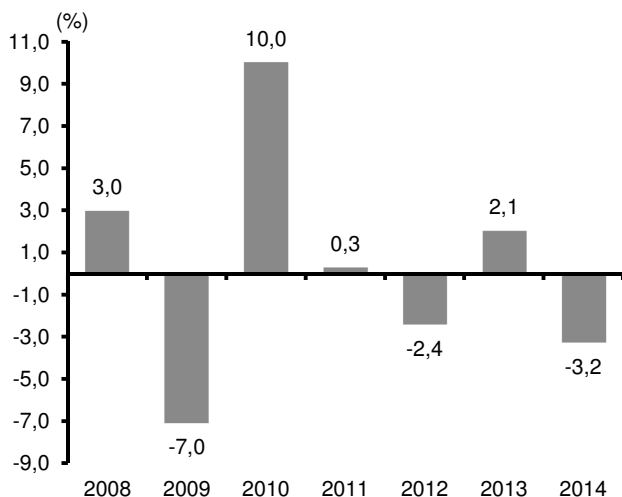
A venda de produtos brasileiros manufaturados está relacionada com o dinamismo econômico do País, bem como com o nível de produção mundial. A correlação pode ser positiva, quando se observa a demanda externa por produtos nacionais, ou negativa, quando o dinamismo externo se converte em concorrência no mercado doméstico, entre os produtos nacionais e importados. Segundo o relatório da United Nations Industrial Development Organization (UNIDO, 2014), a atividade fabril mundial observada até o terceiro trimestre de 2014 apontava para uma redução das taxas de crescimento. Os resultados positivos observados em 2013 foram de curta duração e só se mantiveram até o primeiro trimestre de 2014, voltando a se deteriorar devido às condições mundiais adversas que surgiram no segundo trimestre de 2014. As economias europeias perderam o impulso de crescimento em meio à fraca demanda dos consumidores, à ameaça de deflação e às tensões geopolíticas, enquanto a Ásia Oriental foi negativamente afetada por aumentos de impostos no Japão. A maior parte do crescimento das economias industrializadas foi atribuída à atividade industrial norte-americana. O ritmo de crescimento industrial das economias emergentes e em desenvolvimento foi relativamente lento, principalmente devido à queda da taxa de crescimento do setor industrial chinês e da desaceleração na América Latina (UNIDO, 2014, p. 3).

O indicador da atividade produtiva industrial do Brasil, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicou retração de 3,2% na produção física da indústria geral em 2014. A quanti-

dade de bens produzidos pela indústria de transformação, em especial, sofreu queda mais acentuada no mesmo período (-4,2%). O resultado de 2014 contribuiu para a manutenção do padrão oscilatório da produção industrial visto nos últimos seis anos, caracterizado por períodos de expansão seguidos por momentos de queda, como o atual, sem apresentar trajetória de crescimento consistente (Gráfico 1).

Gráfico 1

Taxa de crescimento da produção física da indústria no Brasil — 2008-14



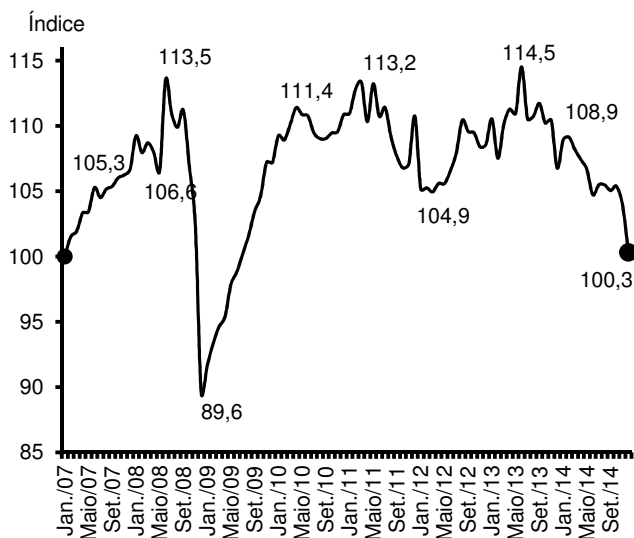
FONTE: IBGE (2015).

NOTA: 1. Variação percentual em relação ao mesmo período do ano anterior.

2. Acumulado até novembro.

Gráfico 2

Evolução da produção física da indústria de transformação no Brasil — 2007-14



FONTE: IBGE (2015).

NOTA: Base: jan./07 = 100, com ajuste sazonal.

O desempenho negativo da indústria de transformação em 2014 mais do que compensou o avanço que havia ocorrido entre 2008 e 2013 (2,9%), fazendo o nível de produção voltar para patamares semelhantes aos vistos no início de 2007 e batendo novo recorde de baixa no período pós-crise (Gráfico 2). Esse quadro reflete um período de sete anos de baixo dinamismo da indústria brasileira, decorrente do fraco crescimento econômico tanto do País quanto do mundo, assim como da perda de competitividade da indústria de transformação nacional.

O que se observa é que o aumento recente dos custos de produção vem penalizando o desempenho da indústria brasileira desde então. Entre 2007 e 2014, o avanço desses custos foi de 46,1%¹, segundo os indicadores de custos industriais da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), influenciado, sobretudo, pelo aumento de 71,8% dos custos com pessoal no mesmo período (CNI, 2014a)².

A perda de competitividade da indústria, com a escalada dos custos trabalhistas, deu-se por duas vias. Primeiramente, porque não se verificou, no período, um aumento de produtividade que justificasse a elevação dos salários verificada, fazendo com que o fator trabalho se tornasse muito caro e impedindo que a indústria brasileira, sobretudo aquela intensiva em mão de obra, conseguisse competir tanto no mercado nacional quanto no internacional.

A questão relaciona-se à combinação de salários crescentes, em razão da disputa com o setor de serviços pela apertada oferta de mão de obra, sem a correspondência na mesma proporção da produtividade num ambiente de inflação elevada, câmbio valorizado e políticas salariais expansionistas (FIERGS, 2014b, p. 42)

[...] a partir de 2009, tanto a produção como o emprego passaram a apresentar oscilações que, em seu conjunto, têm anulado os ganhos apresentados no período pré-crise. [...] Como

¹ Considerando-se o índice acumulado nos três primeiros trimestres de cada ano analisado.

² O indicador de custos industriais da CNI é divulgado trimestralmente com dados a partir de 2006 e leva em consideração a estrutura de custos mapeada pela Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE. Atualmente, está segregado em três grandes grupos: (a) custos de produção (com pessoal, com bens intermediários e com energia); (b) custos de capital de giro; e (c) custo tributário. A variação entre 2007 e 2014, do indicador cheio, considerando-se os primeiros três trimestres de cada ano, foi de 35,0%. Os custos de produção foram os que mais cresceram no período (46,1%, com expansão de 71,8% dos gastos com pessoal, 41,1%, com bens intermediários e 22,5%, com energia elétrica), seguidos pelo custo tributário (14,8%). O custo de capital de giro foi o único que se retraiu no período (-12,0%).

consequência desses movimentos, a produtividade, que vinha crescendo a uma taxa média anual de 2,6% no período 2003-08, teve uma significativa desaceleração (1,3% a.a.) a partir de 2009, sendo que, no corrente ano, ela tem apresentado queda (Contri, 2014, p. 2).

Em 2014, essa lógica não foi diferente. Mesmo com o arrefecimento dos ganhos salariais reais, o custo unitário do trabalho, que relaciona os ganhos reais e a produtividade, aumentou em função da queda desta última.

Apesar da retração no ritmo de crescimento dos rendimentos reais em todos os segmentos da economia, o diferencial entre o custo do trabalho e os ganhos de produtividade ainda se mantém em patamar elevado. Na indústria, este descolamento acentuado entre o custo da mão de obra e a produtividade tende a comprimir as margens de lucro, gerando um desestímulo a novos investimentos (Carta de conjuntura, 2014, p. 42).

Em segundo lugar, o fato de a indústria ter de disputar mercado com produtos externos faz com que tenha de internalizar o aumento dos custos da mão de obra, diferentemente do que ocorre com os serviços, que, por não serem internacionalmente comercializáveis, repassam esses aumentos de custos para os seus preços. Isso, em última instância, reduz a capacidade de expansão tanto da indústria como de seus investimentos, principalmente em períodos em que a concorrência se torna ainda mais acirrada, em função do câmbio em patamar mais valorizado.

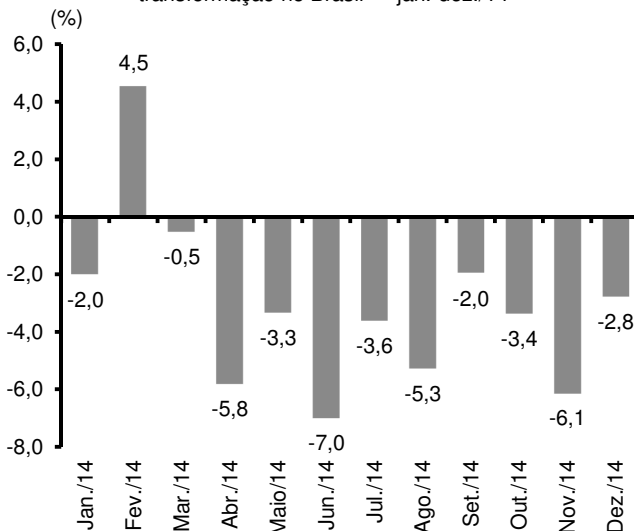
De fato, o coeficiente de penetração das importações, calculado pela CNI, passou de 15,9% no primeiro trimestre de 2010 para 21,9% no terceiro trimestre de 2014 (CNI, 2014). Essa variável mede a importância dos produtos importados no consumo doméstico de bens industriais tanto para uso final como para intermediário, e mostrou a perda de mercado dos produtos nacionais.

A falta de competitividade da indústria também está atrelada a outros gargalos, como a elevada carga tributária, a insuficiência de investimentos em inovação, a infraestrutura precária, a falta de mão de obra qualificada, a alta burocracia, a falta de acordos comerciais, entre outros, que se caracterizam por serem questões de uma velha agenda, porém ainda não solucionadas.

Em 2014, entretanto, além de tais entraves estruturais, alguns eventos foram determinantes para que a indústria brasileira registrasse queda em 11 dos 12 meses do ano, comparativamente a 2013 (Gráfico 3).

Gráfico 3

Taxa de crescimento mensal da produção física da indústria de transformação no Brasil — jan.-dez./14



FONTE: IBGE (2014).

NOTA: Variação percentual em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Em meio ao ambiente complexo de 2014, com elevada inflação e baixo crescimento e com deterioração das contas fiscais e externas, alguns fatores pontuais contribuíram negativamente para o desempenho da indústria. Um exemplo foi a redução dos efeitos dos estímulos fiscais concedidos nos últimos anos, como a desoneração do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para veículos, móveis e produtos da chamada linha branca³. A recomposição parcial das alíquotas⁴ provocou a retração das com-

³ Os produtos da linha branca englobam fogões, refrigeradores, freezers, lavadoras de roupa, lavadoras de louça, secadoras, fornos de micro-ondas e condicionadores de ar.

⁴ A alíquota de IPI dos móveis e dos painéis de madeira, que havia sido reduzida de 5% para zero em 2011, começou a ser elevada em fevereiro de 2013, ano em que a variação foi de 2,5% para 3,5%. A partir de janeiro de 2014, a alíquota que passou a vigorar foi de 4,0%, permanecendo nesse patamar durante todo o ano. Para os automóveis, que também foram desonerados em 2011, a alíquota foi aumentada da seguinte forma entre 2013 e 2014: de 2% para 3%, para carros populares (motor 1.0); de 7% para 9%, para veículos com motores flex 1.0 e 2.0; e de 8% para 10%, para carros 1.0 e 2.0 movidos à gasolina. Em relação à linha branca, a elevação da alíquota ocorreu em outubro de 2013, com efeito nas vendas de 2014. A alíquota incidente sobre fogões passou de 3,0% para 4,0%; sobre geladeiras, de 8,5% para 10,0%; sobre tanquinhos, de 4,5% para 5,0%; e sobre máquinas de lavar manteve-se em 10,0%. Vale lembrar que as alíquotas de fogões e tanquinhos já retornaram para os patamares originais de 2010. Para mais informações, acesse

<<http://www.receita.fazenda.gov.br/Legislacao/LegisAssunto/ImpSobProIndIPI/ImpSobProIndIPI.htm>>.

pras de tais produtos, tendo efeito direto sobre sua produção.

No caso dos veículos, o licenciamento total (automóveis, veículos comerciais leves, caminhões e ônibus) teve queda expressiva no acumulado do ano até novembro (-8,4%), de acordo com os dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). Isso ocorreu inclusive no segmento de veículos nacionais (-7,2%), que vinha sendo beneficiado desde 2011, com o aumento de 30 pontos percentuais na alíquota de IPI sobre veículos importados de países que não compõem o Mercado Comum do Sul (Mercosul). Como reflexo, a ampliação dos estoques fez as unidades produtivas reduzirem o ritmo de operação, resultando na queda de 15,5% da quantidade produzida no mesmo período de comparação (Carta da Anfavea, 2014). Segundo o IBGE (2014), a produção física industrial do segmento de veículos automotores, que inclui cabines, carrocerias, reboques, peças e acessórios, sofreu queda de 17,3%, representando a principal contribuição negativa para o índice global, como será visto a seguir.

Vale destacar que estímulos fiscais, quando têm caráter temporário, como o exemplo da redução do IPI, tendem a apresentar efeitos positivos nos primeiros períodos de implementação, principalmente quando se referem a bens de consumo duráveis e semiduráveis, em função da demanda reprimida normalmente existente. Entretanto, passado o primeiro momento do estímulo, seu alcance tende a diminuir consideravelmente, como sinalizam os dados de 2014.

Além disso, ainda que, em termos reais, as taxas de juros do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), tenham permanecido atrativas em 2014, o fato de elas terem sido muito baixas em 2012 e em 2013 fez com que as compras tanto de veículos automotores quanto de máquinas e equipamentos fossem amplamente antecipadas.⁵ Para se ter uma ideia, as taxas de juros do PSI para a aquisição de caminhões chegou a ser de 2,5% em

2012. Como esses são bens de capital, seu consumo não é recorrente e, por isso, a antecipação das compras tende a gerar efeitos nos períodos subsequentes, como é o caso de 2014.

Na verdade, a desaceleração da demanda interna teve caráter generalizado na economia brasileira, configurando-se como outro importante fator que penalizou a indústria em 2014. As vendas do comércio varejista reduziram o ritmo de crescimento que vinham registrando nos últimos anos. No acumulado dos últimos 12 meses findos em novembro de 2014, a expansão foi de 2,6%, a menor variação nessa base de comparação desde 2004.

De acordo com a Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE (2014b), a taxa média de desemprego de 2014 foi de 4,8%, o menor nível desde o início da série histórica. Apesar disso e do contínuo aumento real dos salários — o avanço foi de 3,9% acima da inflação entre janeiro e novembro de 2014 —, os consumidores passaram a se preocupar mais com o futuro, alterando seus hábitos de consumo. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que os consumidores ficaram reticentes ao longo de todo o ano. No final de 2014, o consumidor estava 13,2% menos confiante do que no mesmo período de 2013. O índice de dezembro de 2014 foi, inclusive, 16,6% inferior à média dos últimos cinco anos (FGV, 2014). Vale destacar, ainda, que o alto endividamento das famílias (46,3% da renda dos 12 meses anteriores a novembro) e a maior preocupação dos bancos em relação ao risco fizeram diminuir os contratos de crédito, o que teve efeitos diretos sobre o consumo.

O arrefecimento da demanda interna contribuiu para que houvesse um descasamento entre o consumo e o nível de produção do ano, resultando no acúmulo de estoques acima do planejado pelos empresários industriais brasileiros, o que afetou os números de 2014. Vale lembrar que o alto nível de estoque também sinaliza que a retomada da produção industrial pode não ocorrer já nos primeiros meses de 2015, uma vez que essa só tende a aumentar depois da normalização dos estoques.

À combinação da redução dos estímulos fiscais com a desaceleração da demanda, ao aumento da percepção de risco dos consumidores e ao acúmulo de estoques somaram-se os efeitos negativos propagados por dois eventos extraordinários ocorridos em 2014. Em primeiro lugar, destaca-se a redução do número de horas trabalhadas na produção, em decorrência da realização da Copa do Mundo entre junho e julho. Note-se que junho foi o mês em que a produção

⁵ A taxa de juros para financiar caminhões, por exemplo, via programa Finame Procaminhoneiro foi elevada de 4,0% para 6,0% em 2014, continuando ainda abaixo da inflação, e a taxa de juros de longo prazo (TJLP) seguiu em 5,0% durante 2013 e 2014, também abaixo do índice de preços ao consumidor amplo (IPCA), que encerrou o ano em 6,4%. Para mais informações, acesse: <<http://www.bndes.gov.br/apoio/procaminhoneiroe>> e <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Ferramentas_e_Normas/Custos_Financeiros/Taxa_de_Juros_de_Longo_Prazo_TJLP/>.

registrou a maior queda na comparação com o mesmo período do ano anterior (-8,1%), como visto no Gráfico 3. Além disso, as incertezas geradas pelo acirramento da disputa eleitoral e em relação à condução da política econômica nos próximos anos fizeram as decisões de produção e investimentos serem adiadas, o que teve reflexo no índice de produção acumulado no ano.

Conforme o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) (CNI, 2014b), o pessimismo em relação ao desempenho da economia brasileira foi o principal responsável pela queda de confiança do empresário industrial brasileiro, o que teve grandes efeitos sobre a produção, uma vez que, sem confiança, não há investimento. O ICEI alcançou, em 2014, o menor patamar da série histórica, figurando abaixo da linha dos 50 pontos, que denota o limiar entre otimismo (acima) e pessimismo (abaixo), durante todo o período de maio a dezembro.⁶ Tanto os indicadores de condições atuais quanto os de expectativas sofreram forte deterioração no ano, impactados, sobretudo, pela percepção quanto à economia brasileira. Os indicadores de condições atuais da economia brasileira e de expectativas, que compõem o ICEI, alcançaram, respectivamente, 29,5 pontos (o menor da história) e 40,3 pontos em dezembro de 2014.

É importante lembrar que o desempenho da indústria brasileira em 2014 não é explicado tão somente pelas questões internas da economia. Há de se destacar, também, o arrefecimento da demanda externa pelos produtos brasileiros. Em 2014, as exportações totais sofreram queda de 7,0%, impactadas pela redução de 7,8% nas vendas dos produtos industriais para o resto do mundo, de acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) (Brasil, 2015).

No campo externo, o setor foi afetado principalmente pelo agravamento da crise da Argentina. As restrições impostas pelo país vizinho às importações de produtos brasileiros, principalmente de veículos automotores, tiveram impacto negativo nas vendas da indústria brasileira. Em 2014, as exportações industriais para a Argentina foram US\$ 5 bilhões inferiores ao registrado em 2013, sendo US\$ 4,4 bilhões referentes à indústria de transformação (uma queda de 27,2% em comparação com 2013). As vendas do segmento de veículos para o País caíram 28,0% no período.

A desaceleração da economia chinesa também contribuiu para o arrefecimento das exportações brasileiras em 2014. O PIB do país asiático, que havia registrado uma taxa média de crescimento de 10,6% a.a. entre 2001 e 2011, reduziu o ritmo de expansão para 7,7% a.a. entre 2012 e 2013. Em 2014, os dados do Escritório Nacional de Estatísticas (National Bureau of Statistics) do País apontaram para um avanço de 7,4% do PIB no acumulado do ano até o terceiro trimestre (China, 2014), o que contribuiu para que as compras chinesas de produtos industriais brasileiros reduzissem 10,3% no ano, conforme dados do MDIC (Brasil, 2015).

O que se observa, através da classificação dos dados por grandes categorias de uso, é que a retração da produção da indústria brasileira foi generalizada. Apenas a produção de bens de consumo não duráveis apresentou crescimento em 2014, ao variar 3,2%, influenciada pelo avanço (ainda que menor) dos salários reais. Destaca-se a queda bastante acentuada da produção de bens de consumo duráveis, de 9,2%, impactada, sobretudo, pela retração no segmento de automóveis e pelo temor das famílias brasileiras em relação à estabilidade de suas rendas e ao seu maior nível de endividamento. Tais condições passaram, inclusive, a afetar o segmento de consumo de bens semiduráveis, que caiu 4,5% no período.

A retração da produção de bens de capital também foi expressiva em 2014 (9,6%). Mais uma vez, é importante lembrar a piora das condições de financiamento, altamente favoráveis para o segmento entre 2012 e 2013, quando o PSI permitia a captação de recursos a juros reais negativos, o que fez o setor crescer 13,5% no mesmo período de 2013, por exemplo. Além disso, esse resultado evidencia o baixo nível de investimentos voltados à expansão da capacidade instalada e/ou melhora das condições de produção. A aquisição de bens de capital, notadamente de máquinas e equipamentos, é um dos principais meios de atualização tecnológica adotada pelo empresariado brasileiro, sendo decisiva para a melhoria das suas condições de competitividade.

Tabela 1

Produção física industrial, por grandes categorias, no Brasil — 2014

BENS DE CAPITAL	BENS INTERMEDIÁRIOS	BENS DE CONSUMO		
		Duráveis	Semi-Duráveis	Não Duráveis
-8,8	-2,9	-9,1	-4,5	3,2

FONTE: IBGE (2014).

NOTA: Variação percentual em relação ao mesmo período do ano anterior.

⁶ Em novembro de 2014, o ICEI registrou o menor patamar da história, com 44,8 pontos.

Observa-se, também, na análise setorial, uma maior difusão dos resultados negativos no ano. Segundo o IBGE (2014), do total de 25 setores da indústria de transformação brasileira, 20 apresentaram queda, com destaque para o segmento de veículos automotores (-16,8%). Considerando a participação do setor no total produzido pela indústria de transformação brasileira (10,1%), sua influência no resultado global foi bastante elevada: 1,8 ponto percentual (p.p.) do total da queda de 3,2%. A Tabela 2 mostra, além da variação percentual acumulada de janeiro a novembro da produção industrial, o peso de cada segmento e sua influência (variação ponderada pelo peso) no resultado global. O peso refere-se à ponderação utilizada na PIM-PF, cuja metodologia remonta à estrutura do Valor da Transformação Industrial (VTI) dos setores presentes na Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2010, do IBGE (IBGE, 2014a).

O mau desempenho do setor de veículos automotores teve reflexo sobre os segmentos que compõem a sua cadeia produtiva, como produtos de metal (-9,8%) e metalurgia (-7,4%). Ambos os setores contribuíram com, respectivamente, -0,3 p.p. e -0,4 p.p. para a retração da indústria no período analisado, visto sua importância na produção total do setor (3,6% e 5,4% respectivamente). Além da conjuntura interna, o desempenho do setor de metalurgia também pode ser explicado a partir do ambiente externo, marcado pela ampliação da oferta global, que fez reduzir os preços do aço.⁷ A indústria de borracha e plástico, também integrante dessa cadeia produtiva, retraiu-se 4,0% no período.

No ano, destaca-se, ainda, a retração de 5,9% da produção das indústrias de máquinas e equipamentos, resultado bastante afetado pelo ramo de máquinas agrícolas, cuja produção recuou 17,9% em 2014 (Carta da Anfavea, 2015). O ciclo de baixa do preço internacional de algumas *commodities* — como soja e milho, que variaram, respectivamente, -11,5% e -25,5% no ano, segundo dados do Fundo Monetário Internacional (IMF, 2014) —, fez diminuir a renda do produtor, com efeitos diretos sobre a demanda pelos produtos do segmento. As vendas internas de máquinas agrícolas e rodoviárias caíram 17,4% (Carta da Anfavea, 2015).

A queda da produção do segmento de máquinas e equipamentos reflete o baixo investimento em 2014.

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) representou 17,2% do PIB no acumulado em quatro trimestres, até o terceiro trimestre de 2014. Essa foi, de acordo com o IBGE, a mais baixa taxa de investimento desde 2007.

Em virtude do fraco resultado nos últimos três trimestres, a FBCF acumula retrações de 7,4% no ano e de 4,6% em quatro trimestres. Esta forte deterioração reflete o mau desempenho tanto do consumo aparente de máquinas e equipamentos (Came) quanto da construção civil. (Carta de conjuntura, 2014, p. 17)

Vale acrescentar que, além do arrefecimento do mercado interno, as exportações de máquinas agrícolas para a Argentina — principal mercado do Brasil — sofreram forte retração em 2014, como reflexo das medidas protecionistas do País, orientadas à substituição de importações.

Assim, o mercado interno argentino desses produtos [colheitadeiras e tratores] — que, até 2008, era atendido em mais de 80% via importações — será, em 2014, pela primeira vez, abastecido majoritariamente pela produção nacional. (Feix, 2014, p. 1).

O resultado negativo da produção do setor manufatureiro brasileiro em 2014 reflete, portanto, sua grande dificuldade de se dinamizar. Isso está relacionado com as questões de cunho estrutural, que impedem o avanço sustentado do setor, e com o baixo investimento da economia. O conjunto de problemas enfrentados pela indústria brasileira e os fatores que contribuíram para o seu desempenho em 2014 também afetaram o setor no Rio Grande do Sul, como será visto a seguir.

⁷ Os dados da World Steel Association revelam que a produção de aço bruto mundial cresceu 14,8% entre janeiro e novembro de 2014. Para maiores informações, acesse: <<http://www.worldsteel.org/statistics/crude-steel-production.html>>.

Tabela 2

Produção física industrial, por setores e atividades industriais, no Brasil — 2014

SETORES INDUSTRIAIS	VARIAÇÃO %	PARTICIPAÇÃO %	INFLUÊNCIA (p.p.)
Indústria extrativa	5,7	11,2	0,6
Indústria de transformação	-4,3	88,8	-3,8
Alimentos	-1,4	13,9	-0,2
Bebidas	0,8	3,3	0,0
Fumo	-1,5	0,6	0,0
Têxteis	-6,4	1,6	-0,1
Vestuário e acessórios	-3,2	2,3	-0,1
Couro e calçados	-4,5	1,6	-0,1
Madeira	-2,6	1,0	0,0
Papel e celulose	-0,7	3,0	0,0
Impressão e reprodução de gravações	-3,4	1,0	0,0
Derivados de petróleo e biocombustíveis	2,4	10,3	0,3
Produtos de limpeza e higiene pessoal	0,9	1,3	0,0
Outros químicos	-3,6	5,3	-0,2
Farmoquímicos e farmacêuticos	2,1	2,3	0,1
Borracha e plástico	-4,0	3,5	-0,1
Minerais não metálicos	-2,5	3,6	-0,1
Metalurgia	-7,4	5,4	-0,4
Produtos de metal	-9,8	3,6	-0,3
Equipamentos de informática	-2,8	2,5	-0,1
Materiais elétricos	-7,2	2,6	-0,2
Máquinas e equipamentos	-5,9	4,9	-0,3
Veículos automotores	-16,8	10,1	-1,8
Equipamentos de transporte	-0,9	1,5	0,0
Móveis	-7,4	1,3	-0,1
Diversos	-5,2	1,0	-0,1
Manutenção, reprodução e instalação de máquinas e equipamentos	3,8	1,3	0,1
INDÚSTRIA GERAL	-3,2	100,0	-3,2

FONTE: IBGE (2014).

NOTA: Variação percentual em relação ao mesmo período do ano anterior.

O desempenho da indústria gaúcha em 2014

A produção física da indústria de transformação gaúcha, por sua vez, apresentou retração de 4,8% no acumulado do ano até novembro, de acordo com os dados da PIM-PF do IBGE (2014). O resultado de 2014, que é 0,6 p.p. superior ao da indústria brasileira, representa uma convergência do padrão de crescimento da indústria do Estado ao desempenho do setor no Brasil, após dois anos de disparidade.

Em 2012, o Rio Grande do Sul sofreu os efeitos de uma estiagem, quando foram registradas quedas acentuadas tanto do PIB quanto da produção industrial (-1,5% e -5,7% respectivamente).⁸ A baixa base

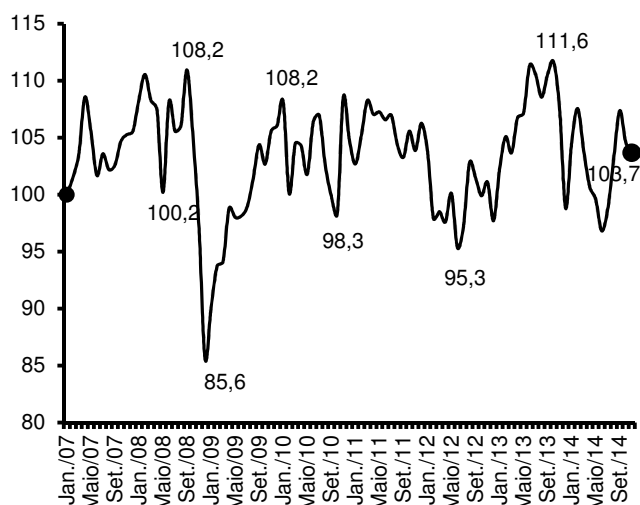
de comparação auxiliou para que, em 2013, o Estado apresentasse melhores taxas de crescimento da produção industrial, fazendo-o se destacar entre os estados brasileiros. A inexistência de evento atípico regional em 2014 fez a indústria gaúcha voltar para a “normalidade”, em termos de crescimento efetivo. A contração registrada no ano contribuiu para fazer seu nível de produção retomar o patamar registrado no período pré crise de 2008 (Gráfico 4), à semelhança do que ocorrera com a indústria nacional.

de fertilizantes, defensivos agrícolas, máquinas e equipamentos, etc.) quanto à jusante (indústrias de transporte, têxteis, calçados, dentre outras), retraiu-se 5,7%, enquanto a indústria nacional sofreu uma queda menos acentuada (-2,4%).

⁸ Em 2012, a produção da indústria gaúcha, que mantém uma relação forte com o setor primário tanto a montante (indústrias

Gráfico 4

Evolução do índice da produção física industrial do Rio Grande do Sul — 2007-14



FONTE: IBGE (2014).

NOTA: 1. Base: 2012 = 100, com ajuste sazonal.

2. Dados até novembro de 2014.

No Rio Grande do Sul, o pior desempenho industrial no período acumulado de janeiro a novembro de 2014, quando comparado ao mesmo período do ano anterior, foi verificado no setor da metalurgia, que apresentou uma retração da produção física de 16,6%. O setor vem apresentando desaceleração da produção industrial desde 2011, revelando uma queda de 37,1% no período em análise. Dentre as razões para essa significativa redução, além dos fatores estruturais já referidos, também figura a queda no desempenho da indústria automotiva, grande demandante de metalurgia, somada ao fato de a produção desta última ter considerável parcela destinada à Argentina, país que vem enfrentando sensível desaceleração econômica.

Quanto à possibilidade de permanência, ou de reversão, dessa tendência de queda na produção, é possível que os recentes leilões de privatização e concessão de aeroportos, portos e rodovias confirmem ganho competitivo ao setor no longo prazo, visto sua necessidade de elevada eficiência logística, especialmente em função do porte dos itens produzidos e do seu baixo valor agregado.

É importante ressaltar que, apesar da forte retração do segmento em 2014, sua influência para o resultado global da indústria gaúcha não foi tão expressiva comparativamente à contribuição do segmento de veículos automotores. A Tabela 3 mostra, à semelhança da Tabela 2, a importância de cada setor pes-

quisado pela PIM na produção total da indústria.⁹ A partir da ponderação da variação pelo peso de cada segmento, é possível compreender quais foram as principais contribuições para o resultado geral. O ramo industrial da metalurgia foi responsável por 0,6 p.p. da queda total de 4,8% que a indústria registrou em 2014. Já o setor de veículos automotores, segundo principal ramo industrial do Rio Grande do Sul, com participação de 13,9% do total da produção gaúcha, contribuiu com 1,0 p.p. no mesmo período.

A produção de veículos automotores apresentou queda de 7,0% no acumulado de janeiro a novembro de 2014, comparativamente ao mesmo período do ano anterior. As mesmas questões que afetaram a indústria automotiva no âmbito nacional também influenciaram o resultado regional de 2014.

A crise argentina e suas repercussões demonstram o quanto esse país é importante para o setor. Em 2014, as exportações gaúchas do setor automotivo para a Argentina sofreram retração de 61,4%. Especificamente para o caso das exportações de veículos leves¹⁰, a queda foi ainda mais intensa (-71,4%), segundo dados do MDIC (Brasil, 2015). As restrições, por parte do país vizinho, à importação de produtos brasileiros, inclusive veículos, tiveram um papel relevante para o desempenho do setor no Estado.

Apesar da significativa queda no ano, a análise da série histórica da produção industrial do segmento de veículos automotores sugere que a tendência de baixa está perdendo força. Após registrar a maior retração mensal em 28 meses, ocorrida em junho de 2014 (-35,3%), em comparação com o mesmo mês do ano anterior, esse indicador continuou apresentando crescimento negativo, mas em menor intensidade, passando de -34,5% em julho para -3,0% em novembro. A baixa base de comparação tende a auxiliar o resultado do próximo ano, assim como ocorreu nos últimos meses de 2014, porém a perspectiva de baixo crescimento tanto do mercado interno quanto da economia argentina ainda traz dúvidas quanto à expansão do setor em 2015.

É importante resgatar a evolução desse setor nos anos de 2012 e 2013, visto que a queda na produção ocorrida em 2012 (-17,3%) — ano em que o

⁹ O peso de cada setor segue a estrutura do Valor da Transformação Industrial (VTI), da Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2010.

¹⁰ Posição - SH 4 dígitos: NCM 8703: Automóveis de passageiros e outros veículos automóveis principalmente concebidos para o transporte de pessoas (exceto os da posição 8702), incluídos os veículos de uso misto (*station wagons*) e os automóveis de corrida.

PIB estadual, principalmente devido à forte estiagem, apresentou queda de 1,5% — facilitou uma importante retomada do indicador em 2013 (25,3%). Dessa forma, em termos percentuais, era esperado um fraco desempenho desse indicador em 2014. O padrão bastante cíclico do setor, amplamente relacionado com medidas de estímulos fiscais e monetárias, como a desoneração do IPI e a expansão do crédito, sinaliza que, na falta desses elementos (como é esperado para os próximos períodos), o crescimento do setor dependerá, cada vez mais, do avanço das rendas nacional e mundial.

Do ponto de vista regional, quatro cidades podem ter sofrido com os efeitos do fraco desempenho do setor de veículos automotores. A cidade de Caxias do Sul é a principal delas, por concentrar, em 2013, 25% dos estabelecimentos e 49% do emprego formal do segmento no Estado, de acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) (Brasil, 2014a). Além disso, a cidade sedia empresas de grande porte, como a Randon (reboques e semirreboques), a Marcopolo (carrocerias de ônibus), a Agrale (comerciais leves, caminhões, ônibus e motores), a Guerra (reboques e semirreboques) e a Neobus (carrocerias de ônibus), que respondem por parcela significativa da produção industrial do setor. É possível que também estejam no rol das cidades mais impactadas por esse fraco desempenho, porém de maneira menos intensa, as cidades de Gravataí, com a General Motors (automóveis); Erechim, com a Comil (carrocerias de ônibus); e Canoas, com a MWM (motores) e a International (caminhões). Nessas cidades, estão concentrados, respectivamente, 18,7%, 5,9% e 2,3% dos trabalhadores do segmento no Rio Grande do Sul, segundo a RAIS (Brasil, 2014a).

O terceiro pior desempenho industrial acumulado no ano, até novembro, foi verificado na atividade de móveis (-6,6%). Esse foi o primeiro resultado negativo em seis anos, e a análise histórica dos dados dos últimos 10 anos evidencia uma leve, mas persistente, tendência de crescimento na produção, beneficiada, em grande medida, pela baixa penetração das importações¹¹ (CNI, 2014). É provável que a retirada dos incentivos governamentais, o maior endividamento das famílias e o aumento da taxa de juros tenham influenciado o desempenho de 2014, uma vez que o mercado externo tem pouco impacto sobre o resulta-

do do setor, cujas exportações representam parcela pequena do faturamento, o equivalente a 6,2%, de acordo com dados do Sindicato das Indústrias do Mobiliário de Bento Gonçalves (Sindmóveis, 2014). Em termos de influência, apesar da expressiva variação negativa, a contribuição do segmento para o resultado geral foi de 0,3 p.p.

Outro segmento importante para a indústria gaúcha, com participação de 10,8% no Valor da Transformação Industrial (VTI) de 2010, é o de outros produtos químicos, que, em 2014, até novembro, registrou a segunda maior influência para o resultado global daquele ano (0,6 p.p.), junto com o segmento de metalurgia. O setor é representado, em grande parte, pelas indústrias de fertilizantes ou adubos com nitrogênio, fósforo e potássio (NPK), etileno (eteno) não saturado e propeno (propileno) não saturado, cada um com participação de, respectivamente, 18,9%, 15,7% e 11,7% do VTI desse ramo industrial. No ano, até novembro, a variação foi negativa em 5,9%, resultado que revela um possível descolamento da produção interna de fertilizantes, com relação à produção agrícola das culturas de verão do Brasil e do RS nos últimos anos. Isso em razão de a importação estar ganhando participação no consumo interno, pois se observa que nunca se demandou tanto fertilizante no Brasil. No curto prazo, essa dinâmica evidencia uma crescente dependência da importação desse insumo, haja vista as boas safras agrícolas de 2013 e 2014.

Já o desempenho da indústria gaúcha de couros e calçados seguiu a tendência de queda na produção verificada desde meados dos anos 90 e apresentou retração de 5,7% no acumulado do ano de 2014. Tendo como referência o mês de novembro de 2002, ano de início da série de dados da PIM-PF, até novembro de 2014, a queda da produção física industrial do setor de couros e calçados foi de 58,2%. Quando o horizonte de análise é o longo prazo, os fatores explicativos dessa queda são conhecidos e não se alteraram substancialmente nos últimos anos, como, por exemplo, a concorrência com os produtos importados tanto no mercado interno quanto nos mercados globais — sobretudo em relação aos produtos asiáticos — e o aumento dos custos da mão de obra, entre outros. Porém, no curto prazo, o mercado interno, que, comparativamente ao externo, vinha sendo um alento para o setor, mostrou sinais de arrefecimento. Dados de novembro, da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2014a), apontam uma variação acumulada em 12 meses de -0,1% do comércio varejista brasileiro do segmento de tecidos, vestuário e calçados. Esse setor, que responde por 9,3% do total

¹¹ O coeficiente de penetração das importações do setor de móveis, que, no terceiro trimestre de 2014, registrava 5,0%, é muito inferior ao registrado pela indústria de transformação brasileira (21,9% no mesmo período). Esse coeficiente é calculado pela CNI.

da produção industrial gaúcha, segundo os dados da PIA de 2010, teve a quinta principal influência negativa para o resultado de 2014, com contribuição de -0,5 p.p.

O segmento de produtos de metal apresentou uma queda de 5,3% na produção acumulada em 2014 (até novembro). Esse ramo da indústria produz uma gama variada de produtos, mas os principais, com maior participação na composição do índice gaúcho, são construções pré-fabricadas de metal, revólveres e pistolas, além de artigos de metal para serviço de mesa. A queda na produção industrial gaúcha do segmento pode ser explicada tanto pelo desempenho dos outros setores integrantes da cadeia produtiva metal-mecânica, como o de veículos automotores e o de máquinas e equipamentos, quanto pela redução de suas exportações no ano de 2014, comparativamente ao ano anterior. A Venezuela, principal país importador das construções pré-fabricadas em 2013, reduziu as compras dos produtos desse ramo da indústria¹² gaúcha em 68,7% no ano de 2014. Já o total exportado desse segmento pelo RS em 2014 foi 43% menor que o verificado no ano anterior.

A produção industrial gaúcha de produtos de borracha e plástico, segmento que também é grande fornecedor de bens intermediários para o complexo automotivo e outros segmentos industriais, sofreu retração de 4,6% em 2014, no acumulado entre janeiro a novembro, em comparação ao mesmo período do ano anterior.

O ramo industrial de máquinas e equipamentos, representado em grande parte por máquinas e equipamentos agropecuários (tratores agrícolas, máquinas para colheita, semeadores, plantadeiras, silos metálicos, adubadores, etc.), apresentou redução da produção na ordem de 4,1%, no período em análise. Além da base de comparação alta, frente ao desempenho recorde do setor em 2013, impactado, sobretudo, pelas condições favoráveis de financiamento através do BNDES, a sistemática queda nas exportações de máquinas agrícolas para a Argentina também contribuiu para esse fraco desempenho industrial.

Contudo, nos últimos anos, a queda das vendas para a Argentina (-56,7% de 2007 a 2013) não impactou significativamente a indústria local, dado o fato de que o crescimento do mercado brasileiro foi superior a essa retração (Feix, 2014).

O setor de minerais não metálicos, que tem o cimento como carro chefe, além de outros itens ligados à construção civil, também sofreu o impacto do desaquecimento do setor imobiliário em 2014. Esse segmento industrial apresentou redução de 4,1% da produção verificada no acumulado de janeiro a novembro de 2014, em comparação ao mesmo período do ano anterior.

O que se observa, portanto, é que a retração da produção industrial se mostrou bastante disseminada entre os diversos segmentos da indústria de transformação do Rio Grande do Sul, tendo apresentado crescimento apenas no setor de fumo (1,1%), influenciado, em grande medida, pela baixa base de comparação, uma vez que, em 2013, a produção havia sofrido queda de 6,2%.

A análise dos indicadores conjunturais divulgados pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS) aponta que o ano de 2014 (no acumulado até novembro) foi particularmente difícil em todos os aspectos, com destaque para as quedas mais acentuadas do faturamento real (-10,7%) e das compras industriais (-6,2%). Até mesmo a variável que mede o emprego, tradicionalmente mais rígido às oscilações temporárias da conjuntura, sofreu retração em 2014, até novembro (-1,6%), assim como a utilização da capacidade instalada (-2,0%) e as horas trabalhadas na produção (-2,2%) (FIERGS, 2014).

A retração do emprego, combinada com reduções expressivas das compras industriais e do faturamento real, sinaliza que é baixa a probabilidade de expansões mais acentuadas da produção e dos investimentos em 2015. É importante que as incertezas do atual cenário econômico sejam dirimidas por meio do equacionamento dos desequilíbrios existentes tanto nas contas públicas quanto nas condições monetárias, com a necessidade de ancoragem das expectativas de inflação. Esses ajustes devem ser acompanhados por incremento dos investimentos tanto em infraestrutura e logística quanto por investimentos internos às empresas.

¹² Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) considerada para a análise: 76109000 — (construções/outras partes, chapas, barras, etc. de alumínio), 94060092 — (outras construções pré-fabricadas de ferro ou aço), 73081000 — (pontes e elementos de pontes, de ferro fundido/ferro/aço), 73082000 — (torres e pórticos de ferro fundido, ferro ou aço), 73083000 — (portas e janelas, etc. de ferro fundido, ferro ou aço), 73084000 — (material para andaimes, armações, etc. de ferro fundido/ferro/aço), 73089010 — (chapas, barras, etc. para construções, de ferro fundido/ferro/aço) e 73089090 — (outras construções e suas partes de ferro fundido/ferro/aço).

Tabela 3

Produção física industrial, por setores, no RS — jan. a nov./14

SETORES INDUSTRIAIS	VARIAÇÃO %	PARTICIPAÇÃO %	INFLUÊNCIA (p.p.)
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	-4,8	100,0	-4,8
Alimentos	-2,2	15,9	-0,4
Bebidas	-0,6	3,9	0,0
Fumo	1,1	4,8	0,1
Couro e calçados	-5,7	9,3	-0,5
Papel e celulose	-3,0	2,2	-0,1
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-2,0	3,4	-0,1
Outros produtos químicos	-5,9	10,8	-0,6
Borracha e plástico	-4,6	5,2	-0,2
Minerais não metálicos	-4,1	3,3	-0,1
Metalurgia	-16,6	3,4	-0,6
Produtos de metal	-5,3	7,4	-0,4
Máquinas e equipamentos	-4,1	11,9	-0,5
Veículos automotores	-7,0	13,9	-1,0
Móveis	-6,6	4,6	-0,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE (2014).

NOTA: Variação percentual em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerações finais

O ano de 2014 se mostrou desfavorável para a indústria, cuja queda de produção foi bastante acentuada tanto no nível nacional quanto no Rio Grande do Sul. As dificuldades enfrentadas pelo setor envolvem tanto questões estruturais já presentes há bastante tempo, como também questões conjunturais inseridas num cenário que não se configura como de crise, mas que envolve muita complexidade.

Nesse ano, algumas questões pontuais se somaram aos fatores estruturais que vêm impedindo um crescimento mais robusto da indústria brasileira. Dentre elas, podem-se destacar a desaceleração da demanda interna, o esgotamento da estratégia de crescimento pautado no consumo, o acúmulo de estoques acima do planejado, as incertezas quanto ao rumo da política econômica, geradas pela acirrada disputa presidencial, e a redução das horas trabalhadas em função da Copa do Mundo. A contínua disputa com os produtos importados, cada vez mais presentes no mercado nacional, e o fim dos efeitos de alguns estímulos fiscais também contribuíram para o resultado negativo da indústria em 2014.

A retração da demanda externa, evidenciada pela queda nas exportações brasileiras (-7,0%) e gaúchas (-25,5%), afetou, de distintas formas, os diversos ramos industriais no ano de 2014. A redução das compras argentinas dos produtos brasileiros e gaúchos contribui para explicar o resultado registrado no

ano. Observa-se, também, que a baixa nos preços de importantes *commodities*, mesmo que significando diminuição de custos de matérias primas, pode afetar negativamente o desempenho da indústria em 2015.

No que se refere ao mercado de trabalho, a despeito dos problemas enfrentados e da fraca atividade, as indústrias de transformação brasileira e gaúcha não realizaram ajustes significativos na alocação da mão de obra em 2014. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) (Brasil, 2014), no acumulado do ano entre janeiro e novembro de 2014, o emprego formal da indústria de transformação permaneceu relativamente estável no Brasil (+0,1%) e no Rio Grande do Sul (+0,2%). O emprego, de fato, foi o único indicador da indústria que não sofreu queda no ano. Vale destacar que esse resultado se deve muito mais à redução das contratações do que ao aumento do número de demissões em ambas as indústrias. Entretanto, a falta de elementos que sinalizam uma recuperação mais robusta do setor em 2015 — dada a perspectiva de que os ajustes econômicos, sobretudo o fiscal, serão realizados neste ano —, traz a ideia de que, possivelmente, essa variável não mantenha os atuais patamares nos próximos meses.

Por outro lado, se realmente for revertida a tendência de valorização do real frente ao dólar observada durante a produção dessa análise, é possível que esse fato ajude os setores industriais brasileiro e gaúcho a concorrer no mercado internacional, com melhores preços em seus produtos.

Portanto, para 2015, apesar de não se esperar que as incertezas diminuam drasticamente nem que os problemas estruturais sejam sanados, a baixa base de comparação herdada pelo desempenho registrado em 2014 e a provável desvalorização do câmbio tendem a, pelo menos, contribuir para uma recuperação leve das indústrias brasileira e gaúcha.

É importante, entretanto, que se entenda que tal recuperação tem um componente cíclico, que poderá ser neutralizado por outro período de queda caso os ganhos de produtividade, redução de custos e consequente aumento da competitividade não sejam priorizados pelos agentes públicos e privados.

Referências

- ASSOCIAÇÃO DO AÇO DO RIO GRANDE DO SUL (AARS). **Macroeconomia afetou a siderurgia: usinas nacionais querem isonomia nas relações comerciais**. Porto Alegre: AARS, 2014. Disponível em: <http://www.aars.com.br/upload/pdf/1402323482_005_panorama_nacional_aco2014.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2015.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior — ALICEWeb**. 2015. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**. 2014. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/caged/estatisticas.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. 2014a. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- CARTA DA ANFAVEA. São Paulo: Anfavea, n. 343, dez. 2014.
- CARTA DA ANFAVEA. São Paulo: Anfavea, n. 344, jan. 2015.
- CARTA DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro: IPEA, n. 25, dez. 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/cc_dez2014_versaopreliminar.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.
- CHINA. National Bureau of Statistics (NBS). **Preliminary Accounting Results of GDP in 2014**. Beijing: NBS, 2014. Disponível em: <<http://www.stats.gov.cn/english/>>. Acesso em: 22 jan. 2015.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Coeficientes de Abertura Comercial**. 2014. Disponível em: <<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/publicacoes-e-estatisticas/estatisticas/2014/11/1,38502/coeficientes-de-abertura-comercial.html>>. Acesso em: 29 dez. 2014.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Indicador de Custos Industriais**. 2014a. Disponível em: <<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/publicacoes-e-estatisticas/estatisticas/2014/12/1,42619/indicador-de-custos-industriais.html>>. Acesso em: 23 dez. 2014.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). **Índice de Confiança do Empresário Industrial**: dezembro de 2014. 2014b. Disponível em: <<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/publicacoes-e-estatisticas/estatisticas/2015/01/1,40572/icei-indice-de-confianca-do-empresario-industrial.html>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- CONTRI, A. L. Produção, emprego e salário na indústria brasileira e na gaúcha. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 11, p. 2, 2014.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL (FIERGS). **Indicadores Industriais**. 2014. Disponível em: <<http://www.fiergs.org.br/pt-br/economia/indicador-economico/indicadores-industriais>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL (FIERGS). **Índice de Confiança do Empresário Industrial**. 2014a. Disponível em: <<http://www.fiergs.org.br/pt-br/economia/indicador-economico/icei>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL (FIERGS). Unidade de estudos econômicos. **Balanço 2014 e Perspectivas 2015 da economia**. Porto Alegre: FIERGS, 2014b. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/sites/default/files/Balan%C3%A7o_2014_Completo.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2014.

FEIX, R. D.; GASPERI, E. de. Argentina substitui importações de máquinas agrícolas. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, v. 23, n. 12, p. 1, 2014.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). **Sondagem de Expectativas do Consumidor**: índice de confiança do consumidor, dezembro de 2014. Rio de Janeiro: FGV, 2014. Disponível em: <<http://portalibre.fgv.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7C82C549C3707F014A74816F9513F1>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal — Produção Física (PIM-PF)**. 2014. [2014a] Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Mensal do Comércio (PMC)**. 2014a. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br/bda/comerc/default.asp?z=t&o=13&i=P>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Mensal do Emprego (PME)**. 2014b. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sistema IBGE de recuperação automática — SIDRA**. 2015. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **IMF Primary Commodity Prices**. 2014. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/res/commod/index.aspx>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DO MOBILIÁRIO DE BENTO GONÇALVES (SINDMÓVEIS). **Estatísticas do setor moveleiro 2014**. 2015. Disponível em: <<http://www.sindmoveis.com.br/portal/pdf/info-setorial-14.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

UNITED NATIONS INDUSTRIAL DEVELOPMENT ORGANIZATION (UNIDO). **World Manufacturing Production**: Statistics for Quarter III, 2014. [S.l.]: UNIDO, 2014. Disponível em: <http://www.unido.org/fileadmin/user_media/Publications/Research_and_statistics/Branch_publications/Research_and_Policy/Files/Reports/World_Manufacturing_Production_Reports/STA_Report_on_Quarterly_production_2014Q3_2.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2015.

UNITED STATES. Bureau of Economic Analysis (BEA). **Gross Domestic Product (GDP)**. 2014. Disponível em: <<http://www.bea.gov/>>. Acesso em: 22 jan. 2015.